

# AS NARRATIVAS ORAIS POPULARES NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Juivalda da Silva Brasil<sup>1</sup>

## RESUMO

O ensino de uma língua precisa estar conectado as mudanças de seu tempo e ao mesmo tempo manter uma relação preservacionista com a cultura de seu povo, buscando conhece-la e estabelecer parâmetros em que a língua enquanto fator determinante de identidade e interação social possa ser estudado e compreendida como um elo que mantém as pessoas ligadas pelo ato de comunicar o seu ser e estar no mundo. A proposta de utilizar as narrativas orais populares em sala de aula busca promover a integração entre cultura e ensino, de forma a valorizar e estimular a oralidade como recurso promotor de conexão entre o presente e o passado, trazendo à tona a memória coletiva. Há que se estabelecer uma prática pedagógica que vislumbre a valorização cultural e que não estimule a formatação do pensar e falar a língua de forma igualitária e sim respeitando as características culturais que fazem de cada falante um ser incomum.

**Palavras-chave:** Narrativas orais. Metodologia. Língua Portuguesa.

## INTRODUÇÃO

As narrativas orais populares eternizam momentos de quem os conta e de quem os ouve, assim como quem os viveu. É a memória eternizada na palavra dita e ouvida. E a palavra se fez verbo. Verbo encantar (...)  
Gomes (2013).

Este artigo parte do princípio que a oralidade pode atuar como provocador da valorização da memória coletiva e estímulo para o ensino da língua materna, considerando que através do recontar das narrativas populares, o aluno das aulas de língua Portuguesa tem a oportunidade de interagir com o seu tempo e aplicar a criatividade aos casos narrados, exercitando não só a sua criatividade, mas também a sua identidade cultural.

Trazer as narrativas do seio da família e da comunidade para a sala de aula, significa expandir um e outro setor através da interação entre os personagens que compõem os cenários sociais (família e escola), promovendo assim a inclusão e valorização da cultura e da literatura

---

<sup>1</sup> Professora Especialista em Metodologia do Ensino Fundamental e Médio com ênfase em Língua Portuguesa e Literatura.

oral, permitindo que as pessoas se revelem enquanto ser e estar no mundo, partilhando vivências e despertando o respeito e a valorização cultural.

A necessidade de aplicar em sala de aula metodologias que provoquem aceitação e reconhecimento do diferente em cenários comuns, podem atuar de forma positiva em uma sociedade excludente e cada vez mais individualista e tão preconceituosa. Assim em tempos de cólera, nada melhor que procurar conhecer o outro e valorizar sua história de vida com base nos elementos culturais que os formam e que são revelados através da oralidade.

A justificativa do motivo para esta pesquisa dar-se devido ao legado humano de que a comunicação, quando provocada através da oralidade e tem como uma de suas funções precípuas, ligar as pessoas e estimular uma vivência salutar e respeitosa, seja em que espaço for, já que a interação é imediata e permite esclarecer a riqueza de significados presente no ato da fala.

Inicia-se este artigo com um retrato do ensino da Língua Portuguesa, visando estabelecer possibilidades e a importância de promover a valorização e o revigoramento da memória, através da oralidade. Atribuindo, ao texto oral o sal; o tempero; O olhar necessário que permitirá ao ensino da língua Portuguesa estabelecer um vínculo necessário para o ressignificar do ato de aprender e de interagir com a cultura tradicional, através do ouvir e contar histórias de domínio popular.

## **1 A LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL: Primeiras falas**

A língua portuguesa chega ao Brasil com os primeiros colonizadores, pelas mãos hábeis dos jesuítas e seus ensinamentos. Com a preocupação de catequisar os nativos e expandir a fé cristã, estes lançam sobre a terra conquistada sua maior e mais forte semente, a língua portuguesa enraizada no latim herdado e transmitido aos povos conquistados por todas as terras.

No intuito de promover a comunicação entre as partes, alguns europeus tentavam reproduzir alguns vocábulos indígenas, mediante a fala, sem, contudo, escrever, posto que não havia como fazê-lo. Contudo, por ser o Português a língua da escola, o falar polido e disciplinado em gramática, era empregado na administração e todos os instrumentos jurídicos eram escritos na língua dos colonizadores. De forma que vigorava, por assim dizer, duas línguas, aquela falada por nativos e alguns colonizadores, afim de garantir a comunicação e a língua Portuguesa, escrita nos moldes de Portugal.

A consolidação da Língua Portuguesa como língua oficial, ocorre a partir da chegada das famílias de imigrantes portuguesas remanejadas para o Brasil. Com a finalidade de abolir

o bilinguismo, Marquês de Pombal, tornou obrigatório, por instrumento legal, o ensino de português no Brasil. Todavia, não seria só um documento que surgiria com este propósito, uma vez que o dilema perdurará ainda por muitos séculos. Principalmente por que a esta altura, a evolução natural da língua já estava estabelecida entre colonizados e colonizadores, assim os falantes brasileiros já haviam incorporado diversas palavras de origem indígena e africana em seu vocabulário.

## **2 ORALIDADE E ESCRITA NO ENSINO DA LINGUA PORTUGUESA**

O homem enquanto ser social que necessita comunicar seus desejos e necessidades para manter-se vivo e em consonância com o seu tempo, precisa fazer uso contínuo das suas habilidades comunicativas e para tanto, necessita exercitar e aprimorar estas habilidades, pois a língua mantém-se em constante evolução como a sociedade e a própria existência humana. Desta feita cabe a escola, enquanto órgão responsável por este aprimoramento mediar estas atualizações, procurando inserir modelos didáticos que venham responder às necessidades do ser humano de acordo com o seu tempo.

Marcuschi (2001) considera que cabe a escola promover o debate e embate entre oralidade e escrita, uma vez que estas estão amplamente ligadas entre si, entendendo que não há assim como privilegiar o estudo da língua materna sem considerar as duas modalidades, uma vez que uma decorre da outra e as promove de forma concomitante na interação com o meio. A escrita, enquanto aspecto formal da língua permitirá ao seu estudioso um olhar mais estanco, considerando apenas o contexto em que será empregada, todavia mesmo sob a égide da coerência e coesão, como nos diz, Koch (1995, p.68-9), há uma escrita informal que se aproxima da fala e uma fala formal que se aproxima da escrita, dependendo da situação comunicativa.

Desta feita, mesmo considerando que na fala as pessoas estão face a face, se observam, se veem e estabelecem contato promovendo envolvimento direto entre os participantes, permitindo que ambos troquem impressões e deleguem pistas acerca dos sentimentos e interpretações que o diálogo promove no instante da fala. Enquanto a escrita se faz distante isolada das emoções vivenciadas, dependendo da receptividade da mensagem ou da associação da palavra escrita ligada a elementos que reforcem a mensagem, estudada pela estilística e apreciada pela arte literária e serve de base para a provocação ou reflexão da fala.

Assim busca-se amparo junto aos PCN de Língua Portuguesa (1998) que abrem espaço para a inclusão de questões de oralidade em sala de aula; entretanto, poucos são os trabalhos

que discutem a aplicação ao ensino. Geralmente encontra-se sugestões que trazem a escrita como amparo para a oralidade, ou seja, partem do texto escrito para uma interpretação oral, regada de debates e exposições orais, contudo quase sempre há a prevalência do texto escrito. Reforçando assim o preconceito linguístico e o temor do eco da oralidade estremecendo os pilares da instituição responsável pela difusão de um conhecimento voltado para a elitização da educação e da língua culta, última flor do lácio.

Se a oralidade era marginalizada e atribuída aos guetos comunicativos, aleluia, esta revelou-se magistral e sedutora diante de olhos e ouvidos atentos as narrativas orais expostas em praças públicas a todo momento. A tecnologia promoveu a difusão da escrita de forma indiscriminada e aleatória, oferecendo recursos que escamoteavam e dispensavam o domínio da língua culta nas relações pelas redes sociais causando de certa forma um certo desprestígio da língua escrita dentro e fora das salas de aulas.

Cabe a escola está preparada para acompanhar esta evolução e oferecer recursos que recuperem não a supremacia da escrita sobre a oralidade, mas a equivalência no ato da comunicação entre todos na sociedade. Hoje não há como pensar a língua falada e a escrita como modalidades invariantes. Há que se compreender que, no interior dessas modalidades, como já apontou Azeredo (2010) apud Castilho (1998: 16) qualquer correlação que se estabeleça entre ambas as modalidades deve considerá-las “modalidades de um mesmo sistema, com ênfases diferenciadas em determinados elementos desse sistema “.

A língua é bimodal se constitui de duas modalidades: a falada e a escrita de forma que ao propiciar aos alunos a análise de falas recriadas através da escrita, seria por assim dizer, uma entre várias maneiras de promover o estudo da língua em pleno uso, possibilitando inclusive o acolhimento das variantes linguísticas que chegam a escola constantemente.

Os PCNs recomendam metodologias que amparam o estudo da lingual de forma bimodal, propondo uma perspectiva de “uso- reflexão-uso” (Brasil / MEC,1998 :33), cuja fundamentação teórica é de base linguística. E em síntese orienta que a melhoria da produção escrita de alunos perpassa pelo reconhecimento de como se processa a formulação textual da fala e da escrita e que, portanto, o exercício de ouvir, falar e compreender a mensagem é imprescindível para promover a escrita, enquanto produção textual. Assim a decisão de usar a oralidade junto a escrita, será decorrente de uma escolha estratégica e não mais aleatória.

### **3 OLHARES QUE SE CRUZAM EM BUSCA DO CONHECIMENTO**

Diversos são os caminhos que podem levar o homem ao conhecimento, todavia o melhor deles é sem dúvida aquele que consegue aliar todos os caminhos em um só. Nesta perspectiva

é de suma importância que o conhecimento se torne significativo para o aluno e neste afã um dos principais aliados tem sido a cultura e os saberes populares, afinal o ensino da língua materna deve ocorrer em consonância com o uso da língua e nada melhor que puder estudá-la vivenciando a sua aplicabilidade na vida.

A língua de um povo é um fator eminentemente social, une as pessoas pelos fatores condicionantes existentes entre elas, estabelecendo peculiaridades e características que constituem expressões culturais de uma nação, afinal a língua atribui identidade e legitimidade a um povo. Dito isso, significa lembrar que as comunidades de falantes não vivem isoladas umas das outras. Pelo contrário, estão em constantes situações de intercâmbio, o que nos remete ao fato de que as normas ditas e assumidas por muito tempo, como normas padrão, transitam, são afetadas pelo movimento dinâmico das sociedades e, portanto, a questão da norma ultrapassa, assim, os limites estabelecidos entre o padrão e o vulgar, perpassando antes de tudo pelo social e pelo cultural.

### 3.1- MULTICULTURALISMO E LÍNGUA

Partindo do princípio que o termo cultura pode ser compreendido como a união das crenças, saberes, arte, modos, direito, costumes, assim como toda a forma de relação estabelecida entre as pessoas de um mesmo lugar, constituindo assim, um fator de identidade cultural que se manifesta também e principalmente através da linguagem de forma distinta e coletiva. Portanto é primordial que as aulas de língua portuguesa sejam espaços e cenários em que alunos e professores possam exercitar e desenvolver o respeito pelas diversas manifestações culturais vigentes em uma mesma sala de aula.

Estabelecer as fronteiras entre o igual e o diferente é o primeiro grande desafio para a aceitação do novo sem o preconceito ou a discriminação, tão resistente e presente nos cenários educacionais pois dentro de uma visão ampliada de que é entre os desiguais que se pode promover a igualdade a linguagem tece o fio tênue que permite as pessoas concordarem entre si. Assim, pode-se dizer que para relacionar as semelhanças e diferenças entre as identidades culturalmente estabelecidas há que se considerar a origem das pessoas e sua posição no cenário cultural.

Todavia a interculturalização defendida neste artigo, visa a promoção de uma metodologia pedagógica que vislumbre o reconhecimento do outro enquanto elemento constitutivo da sociedade como um todo. O que deve ser alcançado por meio da reconstrução do diálogo entre presente e passado, através do ecoar das vozes populares e suas narrativas. Defende-se que ao

tomar a oralidade como ferramenta pedagógica, possa estabelecer um elo capaz de ligar presente e passado no ato de reconstituição da memória coletiva.

Candau e Moreira , incitam em sua obra que cabe a escola assumir o papel de democratizar o acesso ao ensino de forma significativa para todos, reconhecendo a existência das diferenças e a contribuição pedagógica que o multiculturalismo pode fornecer aos contextos de aprendizagens, inclusive perpassando pelo ensino da língua , uma vez que a língua enquanto identidade de um povo precisa ser tomada como o ponto nevrálgico da interação cultural, posto que a soma de elementos como a cultura, povo, identidade e memória se completam e se manifestam através da linguagem verbal.

Parte-se do pressuposto que a língua precisa deixar de ser vista apenas como um conjunto de signos – composto de significado e significante – ou um conjunto de regras gramaticais que definem a interação linguística como um fenômeno social e assume um caráter político, histórico e social em que a prática de atuação interativa, dependente da cultura de seus usuários, no sentido mais amplo da palavra, apesar de seu caráter sistemático.

Segundo Antunes (2009) a identidade de cada língua é apenas alguma coisa em viagem, sem que o padrão anterior seja melhor ou mais puro que o atual. Simplesmente, os dois lados fazem parte da original e sempre inacabada constituição das línguas. As identidades linguísticas – e todas as outras – são múltiplas, precárias e transitórias.

Portanto a escola precisa ser um espaço que desperte acima de tudo a paixão pela língua brasileira e não alimente traumas e negatividade ao seu ensino ou aprendizagem com base em regras e normas que foram ultrapassadas pelo tempo e pela história dos falantes de uma mesma língua. O ensino da língua brasileira precisa ter como foco para a sua legitimidade as manifestações da plural e mestiçada cultura brasileira, aqui reconhecida nas narrativas orais populares e que perduram além do tempo promovendo o reencontrar e reviver da memória coletiva.

#### **4 AS NARRATIVAS ORAIS POPULARES EM SALA DE AULA**

Desta forma, é necessário identificar como este processo de inserção da oralidade nas aulas de língua Portuguesa, rompendo com alguns paradigmas estabelecidos ao longo dos anos em relação ao ensino pode ser efetivado a partir da valorização dos saberes populares , promovendo assim o reconhecimento do pluralismo cultural vigente em cada sociedade e mais propriamente nas salas de aula , onde há uma concentração de pessoas dos mais diversos rincões do país e que portanto trazem muitas histórias do lugar e das pessoas com as quais conviveram ou convivem .

Autores como Leal, Corrêa, e Signorini (2001) já a bastante tempo vem alertando para a necessidade de valorização da oralidade no contexto escolar. Esses autores evidenciam que a fala está presente em diferentes esferas sociais e assume, nestas esferas, papel crucial na promoção da interação humana. Todavia, observa-se que a escola insiste em ignorar esta demanda e não estabelece projetos ou abordagens que visem trazer a cultura popular viabilizada pela oralidade, através das narrativas populares, que circundam a escola e que fazem parte do cotidiano dos alunos, professores e comunidade em geral às salas de aula.

É comum ouvirmos, nos mais diversos segmentos de estudo, que os alunos ou estudiosos de uma língua não conseguem se expressar sem medo e que possuem dificuldade com pronúncias, posicionamento do corpo ao falar em público (pois o corpo também fala), enfim usam a língua para escrever, mas na hora de falar, parece que são duas habilidades indistintas, quando na verdade são contínuas e precisam ser estimuladas ao mesmo tempo. Considera-se que esta seja a missão precípua da escola, promover a inserção do indivíduo na sociedade. Todavia, muitas vezes isto é trabalhado na contramão do processo e por isso mesmo não se revela tão eficaz.

A partir do momento que um indivíduo percebe a sua própria história, ele é capaz de perceber também que ele enquanto falante é um dos elementos que constituem a teia cultural do lugar em que vive, tendo assim sua autoestima ampliada, considerando que sua fala, suas expressões linguísticas, são mais que sons, são na verdade expressões da cultura por ele produzida.

A maneira como se acredita ser possível reverter este quadro é justamente partindo do óbvio. Estabelecer para que e com quem o indivíduo, enquanto aprendiz da língua com que convive e vive deseja fazer uso dela. E mais perceber que ela já está inserida em sua vida, portanto há que se estimular e valorizar.

Se tomarmos como base o fato de que ao longo do desenvolvimento da humanidade o homem buscou incessantemente estabelecer contatos significativos entre si e os demais semelhantes e que a escola tem como objetivo no ensino da língua portuguesa proporcionar e produzir momentos de aplicabilidade real da língua materna, deduziremos rapidamente, que sem dúvida provocar a inserção da oralidade através das narrativas populares, no ensino e aprendizado da língua, seria por assim dizer popularmente, "juntar a fome com a vontade de comer", pois a uma só maneira seria possível trabalhar as variações linguísticas, o preconceito linguístico, promover a valorização da oralidade e da literatura oral, assim como da sabedoria popular revigorando a memória coletiva e o sentimento de pertencimento a um grupo étnico ou sociedade.

Enfim é perceptível que haveria mais ganhos que perdas, sem mencionar a inovação na maneira de trabalhar com o ensino da língua, que com certeza a tornaria mais prazerosa e significativa, correndo o risco de ser otimista demais, completo: Quiçá mais eficiente! Desta feita, mesmo sabendo do medo que assola a todos quando se trata de inovação, experimentação, mesmo assim estabelece-se este desafio em contrapor a razão e ouvir o coração, pois ao se permitir o ecoar das vozes que conhecem o nosso passado e estimulam histórias futuras, com o contar de histórias, com certeza haverá a promoção de uma pedagogia do encantamento, da alegria do encontro consigo mesmo e com suas origens.

Através do ato de contar o homem passou a revelar a todos a sua leitura de mundo e de si mesmo, promovendo não só a socialização dos seus conhecimentos e vivências como também suas emoções. Despertando no outro, sujeito ouvinte, emoções que se acaso não fossem suas, mas passaram a ser, tamanha a carga emotiva ativada no ato do relato, daí dizermos que o contador de histórias faz mais que contar um fato ocorrido consigo ou não, ele troca e faz um carinho em quem a ouve.

A esse respeito, podemos considerar que nas comunidades que circundam cada escola a transmissão de saberes tradicionais, de conhecimentos culturais e a reprodução de narrativas sobre a origem e a vida da comunidade, assim como as narrativas do campo do fantástico ou do que se poderia chamar de literatura popular, podem ser consideradas os pilares centrais da manutenção da memória coletiva.

O que se percebe que a tradição oral ainda existe dentro da comunidade por aqueles que fazem com que a história do seu povo seja reconhecida e guardada por seus ancestrais e que estas só sobreviverão se forem continuamente repassadas de geração à geração. A proposta que hora se apresenta, vem indicar a possibilidade da escola torna-se parte na preservação e valorização deste legado, afinal, todos tem uma história para contar.

A abordagem metodológica sugerida neste artigo, visa promover a valorização da oralidade e levar os alunos e aprendizes a pesquisar em sua comunidade relatos da origem do bairro, contos de encantamentos, histórias de vida dos moradores antigos, receitas de pratos tradicionais da culinária local, brincadeiras e descrição do lugar, declamação de poesias e outros gêneros orais que de certa maneira compõem a teia cultural e fazem parte da memória do lugar e das pessoas que vivem ali.

Ressaltamos, aqui a necessidade e o privilégio de aproveitar este momento de interação com a comunidade e treinar os educandos para o exercício do falar com o outro em público, de dizer o que precisa e principalmente unir teoria à prática da língua Portuguesa, pois só sabe falar quem fala, assim como só sabe escrever quem escreve. Outro fator importante é exercitar



o ouvir, pois para que haja a comunicação e os objetivos sejam alcançados, há que se permitir, ouvir mais, raciocinar sobre o dito e aí sim falar.

Atividades de interação com a comunidade circundante do entorno da escola ou mesmo em família permite ao educando mais que auto se afirmar, permite também visualizar e conhecer pessoas com culturas diferentes e que através da oralidade, do contato, repartir informações que somarão para a sua leitura de mundo e bagagem cultural, considerando o novo como e o diferente como algo a ser respeitado e valorizado.

Tomando como recurso a promoção do acesso as narrativas orais populares, sugere-se a promoção de momentos que tragam para a escola, para a sala de aula, pessoas da comunidade antecipadamente convidadas para contar histórias que permeiam o imaginário popular do lugar. De forma que além do exercício da oralidade o aluno, possa estimular o imaginário que permeia as narrativas populares. Ressuscitando assim os possíveis mitos que estiveram por muito tempo adormecidos no imaginário, seja da criança ou do adulto que um dia já ouvira o conto relatado em família ou como um relato corrente junto à comunidade.

Quanto a importância da promoção de contextos significativos para o trabalho com a oralidade, dentro da escola, Leal (2012) apud Magalhães (2007, p 61) ressalta, “[...] os gêneros orais sejam produzidos e escutados em atividades autênticas, a fim de que se privilegiem as atividades de análise linguística dos gêneros orais, o que proporcionaria a ampliação dos conhecimentos de linguagem oral.

Considera-se que atividades deste cunho podem estimular não só a expressão verbal, mas também a compreensão e produção textual a partir do recontar permitindo-lhe perceber a tradição e a herança cultural presente no ato de contar e que se estabeleceu por gerações guardados na memória de pessoas que os valorizavam e que ao contar a história como que acionam uma grande cadeia de transmissão oral e repartissem um grande tesouro.

O ato de ouvir e contar histórias nos permite interagir, provocando emoções através da palavra, desta feita, oral. Ao ouvir o som da voz do narrador e vivenciar a narrativa, cada pessoa torna individual um ato e um conto coletivo, que com certeza já foi ouvido, contado e reproduzido além dos tempos muitas outras vezes, o que irá provocar o revigoreamento da memória coletiva, a partir da vivência da narrativa através, das estratégias do contador.

A tradição da contação de histórias se mantém no presente de forma viva, e reelabora-se a cada contar, num processo que pode contribuir para a sua manutenção como elemento socializador da comunidade, configurando na tradição que se faz presente desde o início da formação da comunidade até os dias atuais. Ainda como uma especificidade a ser destacada no patrimônio cultural da comunidade está o respeito e a valorização dos mais antigos. É através

de suas lembranças e memórias que a história e o passado da comunidade se mantêm vivos e relacionados com o presente. Sendo assim, o contador de histórias continua sendo um elo que une o ouvinte ao conto.

O ato de contar histórias aproxima as pessoas e estabelece vínculos afetivos entre pessoas que sequer conheciam, mas além destes proveitos, voltando para a abordagem pedagógica, ressalta-se que o ato de ouvir e contar histórias corrobora para a internalização discursiva dos textos escutados permitindo que a memória discursiva se desenvolva de forma inter-relacionada com outras habilidades, como a leitura e a escrita concomitantemente.

Contudo há que se ressaltar que ensinar língua oral não deve significar para a escola, apenas possibilitar acesos a usos da linguagem mais formalizados e convencionais, que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação e sim que uma vez definido o objetivo do discurso oral que ele trabalhe a capacidade de falar em geral, dominando os gêneros orais que apoiam o ensino da língua portuguesa e que também o prepara para a vida pública, no sentido da interação, argumentação e convencimento do que se propõem comunicar.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo deste artigo foi possível perceber que não há como excluir a oralidade do ensino da língua materna, pois que nas relações sociais cotidianas, é ela, a fala, que chega primeiro e deve ser ela o ponto de partida para o ensino, considerando, não a transcrição da fala como foco de estudo, mas a promoção da interação mediante o texto enunciado e que ao passar para o texto escrito, vem enriquecido pelos recursos da literalidade e do maravilhoso, presente em todas as pessoas que vivenciam o momento mágico de ouvir e se deixar levar pela magia da contação de histórias.

Observa-se que a constatação de que as narrativas orais permeiam a vida social desde sempre, desde que o homem se entende como ser social, nos possibilita considerar que o fato de o ensino da língua portuguesa é realizado de forma contraditória, uma vez que falamos esta língua desde que nascemos e que, portanto, ela não nos é estranha. Ao contrário nos acompanha em todas as situações, desde que pronunciamos as primeiras palavras, ouvimos histórias ao cair da noite, ouvimos um áudio sobre algo, enfim, estudamos a língua materna dissociada da fala, da prática linguística e assim sendo exercitamos o bilinguismo pois falamos em uma língua e escrevemos em outra.

Esta concepção de ensino distanciada de significado prático, vem se estendendo a muito tempo e apesar dos avanços na área dos estudos linguísticos, pouco se tem evidenciado na

prática, enquanto mudança de paradigmas. Mesmo com a renovação do quadro de profissionais da área, ainda não se percebem claramente os efeitos dos ensinamentos linguísticos, dar-se por conta de que os professores, egressos dos cursos de Letras, ou não sabem como aplicá-los e optam pelo continuísmo do ensino da gramática da língua, ou não se percebem enquanto profissionais que são capazes de libertar ou oprimir, através do ensino da língua.

Concebe-se, contudo, que embora o perfil do profissional de letras tenha mudado e se munido de referenciais que amparam sua atuação de forma mais dinâmica e com um olhar mais voltado para a valorização do falante, enquanto ser social e cultural, ainda hoje se verifica que a maioria dos professores se compromete com um programa que visa à prescrição (obviamente da norma padrão, concebida como única), considerando que estes profissionais precisam se adaptar ao mercado de trabalho. Mercado este, em que muitas vezes, há uma predileção do tradicionalismo e, na medida em que elegem a *norma*, o ensino de Gramática leva ao apagamento e ao silenciamento das vozes que constituem as múltiplas variantes da língua portuguesa, em geral e a brasileira, em particular.

E embora este profissional saiba e acredite que, o trabalho com a gramática jamais deve se dar dissociado da realidade, e sim consistir em uma reflexão sobre textos reais, ele não sente segurança o suficiente para romper ou mesmo propor a mudança de paradigma, pois precisa do emprego e o mercado prefere dar continuidade a um modelo que na pior das hipóteses, não abre espaço para questionamentos em torno do que ensinar e como ensinar.

Todavia, mesmo correndo o risco de “chover no molhado”, ser repetitiva e nada inovadora, no sentido de suscitar que o ensino deve preferencialmente buscar amparo no contexto cultural e linguístico do aluno e da comunidade como um todo, insisto neste canto que como sabemos, não é solitário, uma vez que o discurso do multiculturalismo é uníssono entre os que pensam o ensino. Apesar que essa pluralidade, na prática docente ou não é levada em consideração no cotidiano das escolas, ou é mal trabalhada, tendendo ao estereótipo e a disseminação de preconceitos.

Considerando o quadro acima, este artigo propõe aos professores estar atentos dentro do universo educacional, ou seja, em sala de aula, comunidade escolar, para procurar desenvolver um trabalho que venha suprir as reais necessidades do indivíduo, usuário da língua portuguesa, buscando responder e ofertar o ensino de acordo com a sua formação étnica e cultural, de forma a valorizar o indivíduo e ressaltar que a importância e valorização dos aspectos culturais que permeiam a sociedade, considerando que não há como mensurar e nem caracterizar uma como superior a outra e sim que cada indivíduo é soma de todos os fatores.

## REFERENCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo, Parábola editorial, 2009 (estratégias de ensino 10).
- AZEREDO, José Carlos (org). **Língua Portuguesa em debate. Conhecimento e ensino**. 6 ed - Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- BUSSATO, Cléo. **A arte de contar histórias no Século XXI. Tradição e ciberespaço**. 9 ed. – Petrópolis. RJ. Vozes, 2013.
- BRASIL, **Parâmetros curriculares**. MEC,1998 :33
- BRASIL , Nova lei de Diretrizes e Bases nº 5692/71
- CANDAUI, Vera Maria (Orgs.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Antônio Flávio Moreira. 10. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- GOMES, Lenice . **Alfabetizar letrando com a tradição oral**. 1 ed.- São Paulo :Cortez, 2013, \_ Coleção biblioteca básica de alfabetização e letramento)
- ELIA, Vanda Maria (Org.) **Ensino da Língua Portuguesa :Oralidade, escrita e leitura**. São Paulo: Contexto, 2001
- FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 1997.
- LEAL, Telma Ferraz. GOIS, Siane ( Org. ) **Oralidade na sala de aula : A investigação do trabalho docente como foco de reflexão** . Edt. Autentica. 2012 (Coleção Língua Portuguesa na escola, 3)
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo. Editorial Parábola, 2008
- KOCH, I. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1997.